

Acordo trava e Brasil ameaça ativar sanções aos EUA

Luciana Coelho, Andrea Murta e Eduardo Rodrigues

Negociações para eliminar subsídio ao algodão tropeçam e representante brasileiro diz que "não dá para ser otimista"

Sanções aos americanos, autorizadas pela OMC, deveriam começar em abril, mas foram adiadas para que países tentassem solução

Começou aos tropeços e com "possibilidade não desprezível de não haver acordo", na frase do principal negociador brasileiro, as conversas para eliminar de vez os subsídios americanos ao algodão e evitar que Brasília retalie Washington.

As sanções avalizadas pela Organização Mundial do Comércio após sete anos de disputa podem chegar a US\$ 830 milhões (R\$ 1,48 bilhão) e deveriam ter começado em abril.

Mas foram adiadas primeiro em duas semanas e depois em dois meses para que, a partir de um aceno americano com medidas paliativas, os dois países fechassem um acordo com vistas a mudar a lei agrícola americana - a Farm Bill - em 2012.

"Há questões que são muito importantes [nas negociações] e que também causam problemas importantes para eles [americanos]", disse à Folha o embaixador brasileiro na OMC, Roberto Azevedo, lembrando o impasse político nos EUA por conta dos subsídios.

O embaixador voltou quarta de Washington, após dois dias das primeiras conversas para uma solução permanente.

Na primeira fase, foi criado um fundo de US\$ 147,3 milhões para compensar os brasileiros; suspendeu-se parte dos subsídios ainda não entregue e retiraram-se barreiras sanitárias à carne suína brasileira.

São todas medidas temporárias e vistas pelo Brasil como "paliativos", um sinal mais forte dos americanos de querer negociar. Mas não o bastante.

O que Brasília quer é o compromisso de mudança na Farm Bill. E isso ainda não foi obtido. "Não queremos só promessas", disse Azevedo. "Há uma possibilidade não desprezível de não haver acordo no fim."

O diretor do Departamento Econômico do Itamaraty, Carlos Márcio Cozendey, tampouco viu avanços no encontro, que segundo ele serviu para discutir a substância do impasse. "A negociação se anuncia complicada. É difícil avaliar, mas não dá para ser otimista."

Os americanos põem panos quentes. "Continuamos comprometidos com um envolvimento contínuo e esperamos progredir mais nas próximas semanas", disse uma porta-voz do gabinete do representante comercial dos EUA.

Mas os brasileiros veem uma falta de propostas na mesa. A próxima reunião está marcada para 1º e 2 de junho, e as negociações culminam no dia 21.

Parte das sanções brasileiras pode ser aplicada em um setor distinto àquele envolvido na disputa. O país escolheu propriedade intelectual, o que lhe permite, por exemplo, quebrar patentes de remédios.

Diante do duelo entre o lobby agrícola e o farmacêutico, o Congresso dos EUA acompanha a discussão.

O senador republicano Richard Lugar escreveu a Obama, sugerindo que a verba do fundo compensatório saia dos subsídios a produtor local.

"Prefiro tratar da situação com a reforma do programa de algodão agora, e estou pronto para apresentar um projeto", escreveu o congressista.

Fonte: Folha de S.Paulo, São Paulo, 15 maio 2010, Dinheiro, p. B10.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais